

SETE EM CADA DEZ UCRANIANOS QUEREM NEGOCIAÇÕES DE PAZ COM A RÚSSIA

A Ucrânia procura intensificar ataques a navios russos enquanto enfrenta pressão diplomática e militar, com negociações de paz em andamento e a Rússia reforçando sua ofensiva de inverno.

Gabriel Camilli*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A Ucrânia está tentando gerar manchetes positivas em nível estratégico. Está criando notícias sobre a guerra na mídia, dada a sua incapacidade de mudar a situação na linha de frente. Lemos hoje: “*Drones ucranianos atacaram petroleiros da frota fantasma russa. Três petroleiros estariam envolvidos. Um foi atingido no Oceano Atlântico, perto de Dacar, capital do Senegal, e outros dois na costa turca do Mar Negro.*”

Mais notícias: “*As últimas ações do regime de Zelensky demonstram extrema audácia, não apenas em relação à Rússia, mas também em relação a terceiros países como a Turquia, com quem a Ucrânia supostamente mantém relações normais. Nos dias 28 e*

29 de novembro, drones ucranianos atacaram os petroleiros Kairos e Virat, que navegavam em direção à Rússia sob a bandeira da Gâmbia. Ambas as embarcações estavam na zona econômica exclusiva da Turquia. Em seguida, houve um ataque com um drone marítimo não tripulado contra um navio turco longe da região do Mar Negro. O petroleiro Mersin, que navegava sob a bandeira do Panamá e pertencia à empresa turca Besiktas Shipping, foi atacado por quatro drones, supostamente também de origem ucraniana. A Ucrânia nem sequer tentou esconder seu envolvimento nesses atos de pirataria internacional; pelo contrário, comentou com orgulho as ações de seus serviços especiais, que estariam prejudicando a frota clandestina russa. A notícia mais recente dessa série surgiu na manhã de 2 de dezembro. Desta vez, o petroleiro Midvolga 2, que um petroleiro viajando da Rússia para a Geórgia com uma carga de óleo de girassol foi atacado por lanchas não tripuladas”, diz-nos Sergey Sysoev. Além disso, um ataque bem-sucedido também foi realizado contra o porto da cidade russa de Novorossiysk.

É evidente que a Ucrânia pretende recuperar alguma iniciativa, pelo menos aos olhos da opinião pública ocidental, já que atualmente se encontra em uma situação precária em várias frentes.

RESPOSTA RUSSA

Haverá uma resposta russa a este ataque a embarcações civis? O presidente Putin, em uma coletiva de imprensa em 2 de dezembro, afirmou: “Em resposta aos ataques aos petroleiros, a Rússia irá expandir os seus ataques aos portos ucranianos e aos navios que entram nesses portos... Em geral, podemos isolar a Ucrânia do mar se continuar com a sua prática de pirataria.” Assim, aqueles que conceberam a ideia de atacar a navegação civil desta forma abriram a Caixa de Pandora e podem claramente enfrentar um efeito bumerangue. Não nos esqueçamos das ações dos Houthis no Mar Vermelho. No entanto, o desejo e a necessidade de um resultado a curto prazo ofuscam tudo.

O QUE A RÚSSIA ESTÁ FAZENDO EM NÍVEL ESTRATÉGICO?

A Rússia lançou outro poderoso ataque aéreo. Foi o quinto ataque dessa magnitude em novembro. A Rússia atacou com 632 drones, mísseis de cruzeiro e foguetes no sábado, 29 de novembro. E Moscou pretende aumentar ainda mais a pressão. Além

disso, o Kremlin se comprometeu a investir US\$ 166 bilhões na guerra no próximo ano. Isso representa um terço do orçamento total do país e é o maior orçamento militar da Rússia desde a era soviética. Portanto, concluímos que a Rússia está preparada para continuar esta guerra se nenhum acordo for alcançado.

Com o conselheiro de Zelensky, Andriy Yermak, fora de cena, tendo renunciado antes de ser preso por corrupção, as negociações sobre o conflito ucraniano têm uma chance. Como relatamos anteriormente no *Velho General*, Isso não significa que eles terão sucesso, já que os defensores de guerras intermináveis se recusam a aceitar a ideia de acabar com a guerra por procuração contra a Rússia, que envolve todos os ucranianos: há muitos interesses em jogo, tanto econômicos quanto geopolíticos. É a mesma história de sempre...

PRESSÃO EUROPEIA

As últimas semanas têm sido muito difíceis para o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky. Forçado à defensiva por sérias alegações de corrupção ligadas à empresa estatal Energoatom e por uma campanha de pressão europeia simultânea destinada a reduzir a idade mínima para o serviço militar, ele foi minado e pressionado por outro plano de paz promovido pelo presidente dos EUA, Donald Trump.

Enquanto a pressão europeia visa expandir a base de recrutamento do Exército ucraniano para conter o avanço da Rússia e, assim, prolongar essencialmente o conflito (Kiev não tem esperança de reverter sua situação), o novo plano de Trump aparentemente busca encerrar as hostilidades por meio de concessões igualmente difíceis de serem aceitas por Zelensky.

Dessa forma, um mecanismo já observado nos últimos meses foi posto em movimento: diante da proposta da Casa Branca, Kiev expressou suas dúvidas, os aliados europeus e os falcões americanos correram em auxílio do governo ucraniano, elaborando “contrapropostas”, e Trump afirmou que o plano não era imutável, abrindo caminho para uma formulação acordada com Kiev.

E assim recomeça... O resultado provavelmente será um plano que a Ucrânia e seus parceiros europeus poderão assimilar, mas que Moscou considerará completamente inaceitável. O ultimato inicial de Trump, de 27 de novembro, exigindo que Zelensky

aceitasse o plano sob a ameaça de suspender a assistência militar e de inteligência, evaporou-se, mais uma vez.

ESTADO SOBERANO

A Ucrânia ainda não aceitou as propostas. Por quê?

A Ucrânia deseja permanecer um Estado soberano. Também deseja poder decidir sobre sua possível adesão à OTAN ou à UE. Não quer ceder nenhum território que a Rússia ainda não tenha conquistado, especialmente em Donbass. Quer poder determinar o tamanho de suas forças armadas e possuir armas de longo alcance. E exige garantias de segurança, principalmente dos Estados Unidos. Tudo isso provavelmente contradiz as intenções de Washington, e essas condições são inaceitáveis para a Rússia. Portanto, a política predominante continua sendo “*a continuação da política por outros meios*”.

OFENSIVA DE INVERNO RUSSA

O Kremlin confirmou que Vladimir Putin recebeu relatórios em um posto de comando militar sobre a queda de Pokrovsk, na região de Donetsk, e Volchansk, na região de Kharkov. Segundo o porta-voz Dmitry Peskov, os comandantes militares também informaram o presidente russo sobre as operações em andamento para capturar Hulyajpole, um ponto estratégico em Zaporizhzhia. Isso ocorreu em 1º de dezembro de 2025. Ao sul de Pokrovsk, os russos avançaram 35 km de largura e até 15 km de profundidade em Zaporizhzhia. Ali, no chamado setor sul, as tropas russas cercaram Hulyajpole e Dobropillia em um movimento de pinça.

A situação é ainda mais complicada pela interferência indevida da cúpula da OTAN, que continua agindo como se o órgão responsável pela segurança dos Estados-membros fosse uma entidade política e não uma organização militar subordinada às decisões dos líderes dos países. Atualmente, temos visto muitas opiniões de “altos funcionários” da OTAN que não contribuem para os esforços em curso na arena diplomática.

Para dar alguns exemplos, começamos com as declarações do ex-chefe das forças ucranianas, general Valery Zaluzhny. “ara entender a insensatez da ‘resistência’

ucraniana, basta ler a recente declaração de Valery Zaluzhny, ex-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da Ucrânia e atual embaixador em Londres. “*Em um acordo com Moscou*”, escreve Zaluzhny, “*Kiev deveria receber garantias de segurança como a adesão à OTAN, o destacamento de armas nucleares em seu território ou o destacamento de um grande contingente militar aliado capaz de confrontar a Rússia.*” Essas condições foram vetadas até mesmo por um linha-dura como Lindsey Graham. E Zaluzhny é, sem dúvida, uma figura importante para Kiev neste momento de transição.

Outra declaração explosiva: a OTAN está considerando “ataques preventivos” contra a Rússia após ciberataques e incursões de drones, provocando fúria em Moscou. A OTAN está se preparando para adotar uma postura mais firme contra os incessantes ciberataques, operações de sabotagem e invasões com drones da Rússia, medida que já está provocando ira em Moscou.

O comandante militar máximo da aliança alertou que simplesmente reagir às ameaças do regime de Vladimir Putin não funciona mais e que a OTAN agora precisa considerar a possibilidade de atacar primeiro para deter futuros ataques. “*Estamos analisando tudo... Em questões cibernéticas, somos mais reativos. Estamos considerando ser mais agressivos ou proativos do que reativos*”, disse o almirante Giuseppe Cavo Dragone ao *Financial Times*.

AS NEGOCIAÇÕES CONTINUAM

Além desses detalhes, pouco se sabe sobre as negociações que ocorreram em Miami, exceto que a questão mais difícil de resolver é, obviamente, a transferência de territórios para a Rússia ou, melhor ainda, o reconhecimento de que os territórios que ocupam atualmente, ou partes deles, estejam incluídos em qualquer eventual acordo de paz.

Os que criticam tal reconhecimento argumentam que essa concessão representaria desafios insuperáveis para a sobrevivência da soberania ucraniana. A esse respeito, vale lembrar que todas as guerras que o Ocidente desencadeou recentemente (também sob pressão dos atuais “defensores” de Kiev), com exceção da guerra na Líbia, que resultou apenas em caos, terminaram ou com uma mudança de regime

que impôs um governo fantoche — isto é, com o fim da soberania do país alvo — ou, como aconteceu na guerra contra a Sérvia, com Belgrado sendo forçada a ceder Kosovo. Essa violação, no entanto, não pôs fim à sua soberania, que, além disso, sobreviveu a diversas tentativas subsequentes de mudança de regime.

É inútil nutrir um otimismo irônico, mesmo que vários fatores pareçam favorecer um acordo. É mais apropriado esperar que o realismo prevaleça — um realismo que exige o fim de uma guerra perdida que está dizimando a população ucraniana. Uma população que os defensores da guerra sem fim afirmam querer defender dos russos e de uma paz imposta, mas que eles cuidadosamente evitam consultar.

Alguém considera a opinião dos ucranianos? Durante esses anos de guerra, inúmeras pesquisas foram realizadas. Mas é interessante lembrar que a última pesquisa Gallup, realizada no início de agosto, revelou que 70% dos ucranianos eram a favor de negociações com os russos. Lembremos de que, em agosto, a frente ucraniana ainda estava mais ou menos sólida; não estava desmoronando como agora — um colapso do qual os ucranianos estão perfeitamente cientes, mas que não parece interessar nem aos líderes em Kiev nem à grande mídia (veja o artigo: [*Ukrainian Support for War Effort Collapses*](#), 7 de agosto de 2025).

A Névoa da Guerra 2.0 prossegue em velocidade máxima. Só no *Velho General* conseguimos dissipá-la...

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
